

Fusão vocabular expressiva: um estudo da produtividade e da criatividade em construções lexicais

Margarida Basilio

CNPq / PUC-RIO

Abstract

This paper focus on expressive lexical blends (elbs), formed by the incorporation of a modifier to a host word of similar phonology. I'll argue that (a) in elbs both source words are involved in their entirety; and (b) elbs result from the creative use of a schema. Elbs illustrate the productivity/creativity question in word-formation: the schema for elb formation is productive, but the acceptability of specific constructions derives from its creative use.

Keywords: lexical blends, word formation, productivity, creativity.

Palavras-chave: cruzamento vocabular, fusão vocabular, léxico, produtividade, criatividade.

1. Introdução

Este trabalho envolve a questão dos cruzamentos vocabulares em português, construções raramente levadas em consideração seja nas abordagens tradicionais, visto que seu uso se concentra na língua falada coloquial, seja nas abordagens gerativas, dado que formações deste tipo são distintas da derivação gramatical, conforme observam Fradin (1997) e Beard (1998), dentre outros. Mas existem trabalhos interessantes sobre cruzamentos vocabulares - ou "lexical blends"- em abordagens cognitivistas.

Kemmer (2003), por exemplo, faz um estudo sobre os cruzamentos vocabulares em inglês, e propõe uma análise a partir do uso e baseada em esquemas. Adotando a definição de Bauer (1988:238), de que o cruzamento vocabular "é um novo lexema, formado de partes de dois ou mais outros lexemas", Kemmer considera que o cruzamento vocabular resulta de um processo bastante produtivo em inglês. A análise de Kemmer é baseada em 150 cruzamentos vocabulares encontrados em dois bancos de dados de neologismos por ela organizados. Evitando uma análise em termos de processo, a autora

prefere enfocar os cruzamentos como palavras que são cognitivamente ligadas a outras previamente existentes, denominadas de lexemas fonte, os quais são co-ativados quando o cruzamento é usado. Por exemplo, no cruzamento *fantabulous* os lexemas fonte co-ativados são *fantastic* e *fabulous*.

A principal afirmação do artigo, de enfoque cognitivista, é a de que esquemas são o instrumento ideal para uma teoria dos cruzamentos vocabulares. Para a autora, cuja posição neste tópico é convergente com a de Bybee (1988) e Langacker (2000), entre outros, esquemas são padrões rotinizados que, uma vez suficientemente entranhados, podem ser usados na produção e recepção de expressões lingüísticas; a análise de cruzamentos vocabulares em termos de esquemas, em oposição a regras, teria a vantagem de não estabelecer restrições a tipos de informação, assim como a ordens de aplicação; ao contrário, esquemas permitem diferentes fatores em competição e várias análises possíveis, assim dando lugar a variações e análises não exclusivas. A autora afirma, ainda, que a análise a partir de esquemas é superior a alternativas como a teoria da otimalidade, não apenas pela relevância do fator frequência no conhecimento lexical, mas também pela inclusão do aspecto semântico, essencial para os cognitivistas e fundamental no caso dos cruzamentos vocabulares.

A possibilidade de análise de fatores fonológicos em competição nos cruzamentos vocabulares do Português é estudada em mais detalhe por Gonçalves (2006) e Andrade (2008), numa visão otimalista. Cruzamentos vocabulares são mencionados em vários trabalhos descritivos sobre o português, mas só mais recentemente temos visto estudos mais detalhados deste(s?) processo (s?) de formação de palavras, como, por exemplo, em Basilio (2005), Gonçalves e Almeida (2007), etc.. E, embora seja mais comum a abordagem fonológica dessas construções, dadas as fortes restrições fonológicas inerentes ao processo, a investigação sobre a fusão vocabular é de relevância para a morfologia, tendo em vista a necessidade de uma posição fundamentada sobre a estrutura interna dessas construções, assim como sobre sua pertinência ao léxico.

Neste trabalho, pretendo focalizar um tipo específico de formação, normalmente englobada sob o rótulo de cruzamento vocabular, a qual denomino “fusão vocabular expressiva” (ou *fuve*) e argumentar que (a) em *fuves* as palavras-fonte estão envolvidas por inteiro; e (b) *fuves* resultam do uso criativo de um esquema produtivo. Minha posição, portanto, difere das propostas tradicionais que consideram que o cruzamento vocabular se baseia em partes de lexemas (Kemmer 2003; Bauer, 1988); e é compatível com uma visão cognitivista do léxico, em que as construções lexicais podem ser analisadas em termos de padrões recorrentes ou esquemas.

2. Fusões Vocabulares Expressivas

A fusão vocabular expressiva, ou *fuve*, é uma construção estruturada de modo a incorporar fonologicamente os dois itens lexicais envolvidos, representando iconicamente a inclusão da função semântica do qualificador no significado da palavra base. Uma vez

catalisada a percepção da incorporação, ambas as palavras-fonte são trazidas em sua íntegra à mente do falante/ ouvinte / escritor / leitor. A incorporação bem sucedida ocorre com a mínima interferência fonológica capaz de, ao mesmo tempo, manter integralmente a palavra base e evocar o qualificador.

Vejam os exemplos abaixo:

(1) *lixeratura* (de *lixo*, *literatura*)

(2) *glitterati* (de *glitter* ‘brilhar’, *literati* ‘intelectuais’)

Na fúve ilustrada em (1), *lixo* qualifica *literatura*, de modo que a construção, como um todo, denota expressivamente a literatura que não presta. O poder expressivo deste tipo de fusão vocabular provém da total imersão do qualificador no corpo da palavra base. O mesmo processo ocorre em inglês, conforme exemplificado em (2), em que *glitter* “brilhar” se funde inteiramente com “*literati*” “intelectuais” para designar pejorativamente intelectuais como celebridades. Ou seja, a alteração *t/x* nos permite reconhecer tanto *lixo* quanto *literatura* em *lixeratura*; do mesmo modo, o *g* adicional de *glitterati* nos dá acesso simultâneo a ambos os lexemas *glitter* e *literati*.

O esquema correspondente à formação de fúves pode ser descrito como sendo a incorporação de um qualificador a uma palavra base de fonologia semelhante, de modo que (a) o significado da palavra base é modificado pelo significado do qualificador; e (b) o qualificador é reconhecido através de uma pequena alteração fonológica na palavra base. Um dos fatores relevantes da fúve como construção lexical é o modo como o qualificador é disfarçado, que provoca um efeito expressivo no momento em que a duplicidade é plenamente percebida. Por exemplo, em (3),

(3) *burrocracia* (de *burro*, *burocracia*)

o qualificador *burro* está totalmente integrado no corpo da palavra, havendo apenas a diferença entre vibrante simples e múltipla; o qualificador, portanto, tem apenas um mínimo de explicitude, o qual, no entanto, é plenamente suficiente para o reconhecimento inequívoco.

A delimitação do presente trabalho no sentido de apenas focalizar o que denomino de fúve ou fusão vocabular expressiva constitui uma proposta que se distingue das demais abordagens, que focalizam o cruzamento vocabular como um fenômeno único, embora se estabeleçam algumas tipologias.

Por exemplo, Kemmer (2003) distingue diferentes tipos de “blends” lexicais.

Quanto ao português brasileiro, na esteira de Basilio (2005), que trata de tipos diferenciados de cruzamento vocabular, Gonçalves e Almeida (2007) estabelecem três tipos de formação: (a) o entranhamento ou interposição, em que as duas bases resultam superpostas, como em *mautorista*, de *mau*, *motorista*; (b) a combinação truncada, mais aproximada da composição, mas com truncamento das palavras-fonte, como em *brasiguai*, de *brasileiro*, *paraguai*; e (c) a reanálise, caso em que uma seqüência fonológica em uma das palavras-fonte é reinterpretada e então substituída, como em *bebemorar*, de *beber*, *comemorar*. Destes tipos, apenas o primeiro se aproxima do conceito de fusão

vocabular aqui utilizado, o qual inclui a perspectiva de ser a *fuve* uma construção distinta dos demais cruzamentos vocabulares.

A fusão vocabular expressiva é um processo de formação de palavras que pode ser considerado como de composição, na medida em que se forma uma palavra nova a partir de duas palavras-fonte. Entretanto, a *fuve* se distingue dos processos de composição no aspecto da linearidade: a nova palavra é formada não por concatenação ou seqüência linear, mas por fusão quase total, onde o elemento “quase” é tão fundamental quanto “fusão”, correspondendo a alguma diferença fonológica que permita o reconhecimento simultâneo de uma palavra base e um elemento qualificador a esta integrado. Este tipo de formação apresenta, portanto, os requisitos combinados de similaridade fonológica e não linearidade, ausentes em outros tipos de composição.

Consideremos, por exemplo, o caso ilustrado em (4):

(4) *boilarina* (de *bailarina*, *boi*)

Nesta formação, o elemento qualificador *boi* se integra ao corpo da palavra *bailarina*, formando um todo expressivo exatamente porque o tipo de propriedade que atribuímos a *boi* é contraditório ao conhecimento que temos do que seja uma *bailarina*. Assim, a fusão vocabular tem um objetivo expressivo, um objetivo de criar uma unidade lexical em que o elemento qualificador se integra no significado global da palavra base para provocar algum tipo de impacto. Essa integração se faz simultaneamente pela via fonológica e pela via semântica. Fonologicamente, o qualificador se incorpora na palavra base, passando a fazer parte dela, integralmente, exceto pela diferença mínima que permite sua identificação; semanticamente, a qualificação se integra à denominação: não temos mais uma profissional de dança, que imaginaríamos magra, elegante, e flexível, mas uma pesada contradição dançante.

O exemplo particularmente grotesco foi escolhido exatamente para realçar a função expressiva deste processo de formação. As *fuves* não são formações inocentes; ao contrário, têm a função de nos levar a considerar novas (ir)realidades, seja pela contradição, seja pela maximização da força simbólica de elementos já existentes. É importante ressaltar que a transposição do nível de qualificação para o nível de denotação é fundamental, na medida em que a denotação não se discute; o impacto expressivo dessas formações também deriva deste fato. Dada a função expressiva e o efeito inesperado de impacto, não é de se esperar a ocorrência corriqueira de *fuves* na língua formal; o espaço dessas construções é mais o jornalístico, o propagandístico, o político, o literário e o humorístico. Talvez se possa também dizer que são mais freqüentes as formações de cunho pejorativo, nas quais se enquadra a maioria dos exemplos que vimos até agora.

Um exemplo recente no discurso político é o de (5):

(5) *Billary* (de *Bill*, *Hillary*)

Esta formação eclodiu nos meios de comunicação em 2008, durante a campanha eleitoral das primárias do partido democrata nos Estados Unidos. A formação tem como palavra base o primeiro nome da então candidata Hillary Clinton, esposa do ex-presidente Bill Clinton, talvez o mais popular dos políticos democratas na época. Quando surgiu a

formação, a disputa estava acirrada e não havia uma idéia clara de resultados; e a então candidata utilizava em larga escala a popularidade do marido na campanha. A formação reflete a situação do primeiro nome de Clinton, *Bill*, integrado como qualificador da palavra base, *Hillary*, com o objetivo específico de denunciar a duplicidade na campanha.

Há muitos exemplos de fuves no português e no inglês, como os de (6) e (7):

(6) a. aborrescente (de aborrecer, adolescente);

b. chafé (de chá, café);

c. showmício (de show, comício).

(7) a. clownsellor (de clown ‘palhaço’, counsellor ‘chanceler’);

b. repugnicans (de repugnant ‘repugnante’ e republicans ‘republicanos’).

Em (6a), qualifica-se o adolescente como nome de agente de aborrecimento, constante e inconcluso; temos duas diferenças fonológicas, d->b e l->R, mas o contorno fonológico geral da palavra permanece, mantendo-se o interesse e pertinência da formação. Em (6b), há apenas uma mudança fonológica, k->ch, para qualificar o café tão fraco que parece chá; a mesma mudança, acrescida de ligeira ditongação, ocorre em (6c), que denuncia a presença do show artístico como chamariz para comícios políticos. Em (7a), é suficiente o acréscimo fonológico de uma lateral para qualificar de ridículo um chanceler; e em (7b) sugere-se a identificação republicanos/repugnantes pela troca do grupo /bl/ por /gn/.

No âmbito literário, no Português do Brasil, não podemos deixar de citar Guimarães Rosa, bastante conhecido por suas criações lexicais. Uma delas é a formação exemplificada em (8), que analisei de modo diferente em trabalho anterior (Basilio, 1997).

(8) enxadachim (de espadachim, enxada)

Esta formação tem *espadachim* como palavra base e *enxada* como elemento qualificador. Através da troca do instrumento, efetuada pela troca fonológica de /sp/ por /nch/ o autor transmite o glamour do espadachim para o trabalhador da enxada, então qualificado como espadachim rural.

Atualmente, o autor mais conhecido pela utilização de fuves é o moçambicano Mia Couto, admirador confesso de Guimarães Rosa. São de Mia Couto os exemplos abaixo, arrolados em Cavacas (1999):

(9) a. ronrosnar (de ronronar, rosnar);

b. participassivo (de participar, passivo).

Em (9a), *ronronar* (palavra base) combina com *rosnar* (qualificador), a formação espelhando de modo especialmente feliz e expressivo os modos contraditórios que levam ao rosnar e ronronar dos felinos; a diferença fonológica consiste apenas no acréscimo de um /s/ à palavra base, com a conseqüente perda da nasalidade da vogal precedente. Em (9b), o qualificador *passivo* fortemente atenua, critica ou mesmo contradiz a palavra base *participativo*, valendo-se apenas da fricativização da oclusiva alveolar.

O conjunto de exemplos aqui arrolados evidencia a produtividade do esquema correspondente à fusão vocabular expressiva em português, além de indicar que, ainda que apresentem forte motivação expressiva, fuves não se prendem a um único contexto

de utilização e podem ser perfeitamente compreendidas, em sua expressividade, fora de seus contextos de origem. Neste trabalho, entretanto, vamos nos concentrar na questão produtividade/criatividade.

3. Produtividade e criatividade

Fuves constituem um bom espaço para discutirmos a questão produtividade / criatividade na formação de palavras. Produtividade é um termo usado em abordagens baseadas em regras; é necessária uma reavaliação do conceito, aliás controverso. O conceito de criatividade, por outro lado, sequer foi discutido nestas abordagens. Adicionalmente, construções lexicais inesperadas, bem sucedidas ou não, são geralmente colocadas de lado, consideradas como não legítimas ou lexicalizadas.

A noção de produtividade, conforme a entendemos hoje em morfologia, já era utilizada em autores tradicionais, embora com nomes e adjetivos variados, como “vitalidade”, “força”, “fecundo”, etc., além de “produtividade”. Segundo Hockett, a produtividade de um padrão corresponde à “liberdade relativa com que falantes formam novas construções gramaticais com sua utilização” (1958:307). Said Ali (1964), falando de afixos do português, tece comentários relativos à produtividade desses elementos.

Na tradição da literatura sobre formação de palavras como conhecimento lexical, podemos considerar a produtividade como o potencial de uma Regra de Formação de Palavras de produzir novos itens lexicais (Aronoff, 1976). A produtividade de um processo de formação pode ser entendida em dois sentidos, o do potencial teórico e o da produção concreta (Kastovsky, 1986), dado que as formações que são produtos de um processo passam a integrar o léxico. No primeiro sentido, temos RFPs definindo construções lexicais possíveis; no segundo, temos graus de produtividade, de acordo com condições de aplicação de regras específicas a situações concretas, e evidência oriunda de formas atestadas no dicionário da língua.

Na realidade, a produtividade é um conceito relacionado à representação do conhecimento morfológico por regras; o conceito de produtividade, em morfologia, corresponderia ao conceito chomskyano de “criatividade governada por regras” em sintaxe; a noção aponta para a possibilidade ilimitada de novas formações definidas pelas regras de formação. A relevância da noção de produtividade neste tipo de abordagem está no fato de que as regras produtivas definem construções lexicais possíveis. Há vários problemas para este tipo de abordagem. Aqui vamos nos concentrar em apenas um, o dos produtos atestados mas não previstos pelas regras, já que regras do tipo definido na literatura tradicional de cunho gerativo relativa à formação de palavras não prevêm formações como fusões vocabulares, consideradas como “não naturais”, “parte de dialetos específicos”, e assim por diante.

A noção de produtividade também é levada em conta por autores que questionam a abordagem morfológica baseada em regras ou seguem uma abordagem cognitiva. Assim, é necessário verificar até que ponto a noção de produtividade também se aplicaria a

esquemas. Bybee (1988), por exemplo, coloca que graus de produtividade se relacionam à indeterminação da definição fonológica de esquemas; Kemmer (2003) afirma que esquemas podem ser usados para produzir e entender expressões lingüísticas. Vemos, portanto, que a noção de produtividade também é usada em relação a esquemas como representação de padrões de generalização de conexões lexicais – a diferença fundamental é que a noção de produtividade é menos relevante nesse caso, pois não tem o objetivo de previsão, antes simplesmente coloca as condições normais de uso de um esquema.

As fusões vocabulares expressivas não se enquadram na morfologia baseada em regras da literatura tradicional sobre formação de palavras. É necessário, portanto, observar até que ponto o conceito de produtividade se aplicaria a essas construções.

Assumindo que fúves são construídas a partir de esquemas abstraídos de representações, devemos observar que regras e esquemas não são tão diferentes; o que é radicalmente diferente é o modo de enfocá-las. Um exemplo desta afirmação pode ser visto se compararmos a afirmação de Kemmer (2003) de que esquemas são usados para produzir e entender expressões lingüísticas com o conceito de regras de redundância de Jackendoff (1975), também definidas como mecanismos lexicais que nos possibilitam interpretar e produzir entradas lexicais. Quanto a descrições de esquemas e regras, Bybee (1988) considera que regras são padrões representacionais altamente reforçados, ou esquemas; Langacker (2000) afirma que regras são simplesmente esquematizações de expressões simbolicamente complexas, ou construções, e podem ser descritas como esquemas construcionais.

Vemos, portanto, que a diferença fundamental é que esquemas são generalizações a partir de construções, enquanto regras produziriam essas expressões complexas. Mais especificamente, a diferença se situa não no campo das representações, mas no campo das proposições teóricas.

Vimos anteriormente que as fusões vocabulares expressivas resultam da incorporação de uma palavra predicadora a uma palavra base de fonologia semelhante, com a interferência fonológica mínima na palavra base capaz de evocar a palavra predicadora. Ou seja, abstraímos de um número de formações, tais como *boilarina*, *chafê*, *burrocracia*, etc. um esquema geral, que pode ser usado para formar novas construções. Em termos de fato, não há nenhuma dúvida de que novas formações são feitas.

Entretanto, fúves são antes criações do que propriamente produções, no sentido de que sua aceitabilidade está no poder expressivo, que deriva do efeito retórico da combinação semântica e do sucesso da fusão fonológica. Assim, fúves são construções para as quais a morfologia tradicional baseada em regras é totalmente inadequada, pois sua aceitabilidade depende crucialmente não da efetuação automática de um procedimento específico, mas de conexões complexas entre o lado semântico e fonológico das palavras envolvidas. Assim, não podemos considerar que “usar um esquema” seja uma expressão suficiente para dar conta de uma fusão vocabular expressiva. Para a análise de uma fusão vocabular expressiva é necessário levar em conta o aspecto da criatividade, o que inclui a inovação e o êxito.

Mas a noção de criatividade é uma noção complexa. Um dos grandes problemas na definição de criatividade é a previsibilidade de uma definição, o que é paradoxal à natureza intrinsecamente não previsível das construções criativas. Ou seja, é muito difícil determinar critérios para avaliar a criatividade, já que a própria essência da criatividade está diretamente comprometida com a imprevisibilidade. Mas esta é uma longa discussão, que não poderíamos sequer começar, dados os limites desta comunicação.

Para o objetivo imediato do trabalho, que é o de colocar a questão produtividade /criatividade em relação às fuves, eu adoto a visão de que “a criatividade lingüística tem o poder de mudar o modo como vemos e representamos o mundo” (Veale, 2006:1). E, de fato, como uma primeira aproximação à questão da criatividade em construções lexicais, podemos observar em fuves o uso de um esquema para revelar resultados inesperados com valor poético ou expressivo. Ou seja, fusões vocabulares expressivas podem mudar o modo como o mundo é conceptualizado em nossas palavras habituais, e realmente o fazem. É de se observar, neste particular, que, como diz Carter (2004:9), há uma “expectativa de que quando a palavra “criativo” é empregada ela acarreta usos que são marcados como especiais e inovadores”. Na realidade, não é propriamente o uso que é especial ou inovador, mas o produto, no qual avaliamos o êxito da formação e, portanto, a criatividade.

Nos vários exemplos considerados neste trabalho, é variável o grau de inovação e o efeito expressivo, inclusive porque, propositadamente, foram incluídas algumas expressões que já estão dicionarizadas e nas quais, portanto, o efeito de impacto já se desgastou. Mas é inegável o caráter criativo da fusão vocabular expressiva, cujo objetivo é exatamente chamar a atenção para algo através da expressividade alcançada pela fusão de dois significados através dos dois significantes, seja pelo reforço, como em *estremexer*, seja pela convergência, como em *controversátil*, seja pela contradição, como em *boilarina*.

Concluimos que o problema apontado, a saber, a contradição entre a previsibilidade do esquema e a não previsibilidade inerente ao conceito de criatividade, não afeta as fusões expressivas. Há, realmente, um esquema produtivo para a formação de fusões vocabulares expressivas, mas a criação provém da eventual junção feliz e perfeita de um complexo de fatores semânticos, fonológicos e enciclopédicos a serviço de um determinado efeito de sentido.

Em suma, este trabalho argumenta e traz evidência em favor das seguintes colocações: (a) fusões vocabulares expressivas são feitas de lexemas integrais, e não de partes de lexemas; portanto, não devem ser confundidas com cruzamentos vocabulares em geral; (b) o esquema que se abstrai das fuves é produtivo tanto em português quanto em inglês; e (c) o aspecto mais relevante das fusões vocabulares expressivas é a criatividade.

Mais especificamente, a fuve é a combinação de duas palavras fonologicamente semelhantes com o objetivo de formar uma nova palavra, fonologicamente quase idêntica à palavra base, cuja denotação engloba a significação do elemento qualificador

incorporado à palavra base. Dada a multiplicidade de fatores envolvidos e a função expressiva, a aceitabilidade de uma fuve depende mais de fatores externos ao esquema que representa o processo de formação, o qual, embora produtivo no sentido tradicional, tem na criatividade o seu aspecto de maior relevância.

Referências

- Andrade, Kátia Emerich (2008) *Uma análise otimalista unificada para mesclas lexicais do português do Brasil*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Aronoff, Mark (1976) *Word Formation in Generative Grammar*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Basilio, Margarida (1997) O Princípio da analogia na constituição do léxico: regras são clichês lexicais. *VEREDAS*, 1 (1), pp. 9-21.
- Basilio, Margarida (2005-2007) A Fusão Vocabular como Processo de Formação de Palavras. *Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN*, www.abralin.org.
- Bauer, Laurie (1988) *Introducing Linguistic Morphology*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Beard, Robert (1998) Derivation. In Andrew Spencer & Arnold Zwicky (orgs) *The Handbook of Morphology*. Oxford: Blackwell.
- Bybee, Joan (1988) Morphology as Lexical Organization. In Michael Hammond & Michael Noonan (orgs) *Theoretical Morphology*. San Diego, CA: Academic Press
- Carter, Ronald (2004) *Language and Creativity – The Art of Common Talk*. London: Routledge.
- Cavacas, Fernanda (1999) *Mia Couto: Brincadeira Vocabular*. Lisboa: Instituto Camões.
- Fradin, Bernard (1997) Les mots-valises: une forme productive d'existants impossibles? In Danielle Corbin et al. (orgs) *Mots possibles et mots existants. Actes du Colloque de Villeneuve d'Ascq*. Lille: Université de Lille III.
- Gonçalves, Carlos Alexandre (2006) A ambimorfemia de cruzamentos vocabulares: uma abordagem por ranking de restrições. *Revista da ABRALIN* 1&2, pp. 169-183.
- Gonçalves, Carlos Alexandre & Maria Lúcia Almeida (2007) Bases semântico-cognitivas para a diferenciação de cruzamentos vocabulares em português. *Revista Portuguesa de Humanidades I: Estudos Linguísticos* 11(1), pp.85-95.
- Hockett, Charles (1958) *Course in Modern Linguistics*. New York: Macmillan.
- Kastowsky, Dieter (1986) The Problem of Productivity in Word Formation. *Linguistics* 24, pp. 585-600.
- Kemmer, Susan (2003) Schemas and Lexical Blends. In. Hubert Cuickens et alii (orgs) *Motivation in Language*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Langacker, Ronald (2000) *Grammar and Conceptualization*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter.

- Said Ali, M. (1964) *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramentos.
- Veale, Tony (2006) An analogy-oriented type of hierarchy for linguistic creativity. Disponível em (http://afflatus.ucd.ie/Papers/Journal_KnowledgeBasedSystems_sdarticle.pdf)